

PRODUÇÃO DISCENTE: TRABALHOS MONOGRÁFICOS EM EDUCAÇÃO DA UEM

Elaine Rodrigues*
Simone Burioli Ivashita**

RODRIGUES, E.; IVASHITA, S. B. Produção discente: trabalhos monográficos em educação da UEM. **EDUCERE** - Revista da Educação, Umuarama, v. 8, n. 1, p. 5-17, jan./jun. 2008.

RESUMO: O objetivo deste artigo é tecer algumas considerações acerca da produção discente oriunda dos cursos de especialização em Educação, ofertados pelo Departamento de Fundamentos da Educação (DFE) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), focalizando como os saberes veiculados pela disciplina História da Educação estão sendo resignificados no momento da apropriação, pelo aluno, quando de sua aplicação. A produção discente é um dos elementos que possibilita, ao pesquisador, adentrar, sob a perspectiva de novos olhares, nos espaços educacionais. Nosso trabalho realiza um delineamento, uma representação, em traços gerais, dos trabalhos monográficos que, unidos a outras fontes, pode ser complementar. Para a realização desse objetivo, nos valem de uma ficha catalográfica que possibilitou a organização das fontes levantadas. Tais fichas permitiram elencar dados gerais, porém, os detalhes e pormenores referentes às monografias tiveram de ser verificados nas releituras das mesmas. O período analisado vai de 1983 a 2003, 20 anos de produção que nos possibilitarão responder o que os cursos de especialização em educação estão produzindo, quais seus objetos e perspectivas interpretativas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Campo disciplinar. História da educação. Produção discente.

LEARNING PRODUCTION: MONOGRAPHIC WORKS IN EDUCATION AT “UEM”

ABSTRACT: This article aims to build up some issues concerning the deriving

*Doutora em História e Sociedade, Professora Adjunta do Departamento de Fundamentos da Educação, Universidade Estadual de Maringá, PR

**Acadêmica do curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, PR. ivashita@yahoo.com.br

learning production from specialization courses in Education offered by the Department Fundamentos de Educação (DFE) of the State University of Maringá (UEM). The focus of that is on the knowledge propagated by the disciplines of History of the Education whose meaning is remade by the time of appropriation by learner, at the moment of its application. The learning production is one of the elements that the researcher makes possible to get through under the perspective of new way of seeing it in the educational settings. Our work carries through some delineation, a kind of representation in general traces of the monographic works. That, joined to other sources, can be both complemented. To accomplish the objective, we took the catalo-graphic forms that made possible the organization of the raised sources. Such forms allowed us to organize the general data; however, the referring details and details to the monographs had to be verified through re-reading the same ones. The analyzed period goes from 1983 to 2003, 20 years of production that will make possible to answer what the courses of specialization in education are producing and which are their objects and theoretical perspectives?

KEYWORDS: Education. Discipline field. History of the Education. Learning.

LA PRODUCCIÓN DISCENTE: TRABAJO MONOGRAFICO EN LA EDUCACIÓN DE LA “UEM”

RESUMEN: Este artículo apunta para construir a algunos problemas acerca de la producción de aprendizaje derivando de los cursos de la especialización en la Educación ofreció por el Departamento de Fundamentos da Educação (DFE) de la Universidad Estatal de Maringá (UEM). El enfoque de eso está en el conocimiento propagado por las disciplinas de Historia de la Educación cuyo significado se rehace cuando de apropiación por aprendiz, en el momento de su aplicación. La producción de aprendizaje es uno de los elementos que las hechuras del investigador posible de terminar bajo la perspectiva de nueva manera de verlo en las escenas educativas. Nuestro trabajo lleva a cabo alguna delineación, un tipo de representación en general los rastros de los trabajos del monographic. Que, unió a otras fuentes, puede ser los dos complementados. Para lograr el objetivo, nosotros tomamos los formularios catalo-gráficos que hicieron posible la organización de las fuentes levantadas. Los tales formularios nos permitieron organizar los datos generales; sin embargo, los detalles refiriéndose y detalles a las monografías tuvieron que ser verificados a través de re-leer los mismos. ¿El periodo analizado va de 1983 a 2003, 20 años de producción que

hará posible contestar lo que los cursos de especialización en la educación están produciendo y qué sus objetos y las perspectivas teóricas son?

PALABRAS CLAVE: Educación. Campo de Disciplina. Historia de la Educación. Producción Discente.

INTRODUÇÃO

Hoje, reconhecidamente, a História da Educação brasileira caracteriza-se por um vigor que a evidencia de maneira salutar e crescente nos espaços de pesquisa e de publicação acadêmica. Diante dessa constatação, interessa mais os questionamentos do que as certezas que permeiam a compreensão acerca da problemática proposta para este artigo.

Rememorar e esquecer são faces de uma mesma tarefa, constroem-se juntas. Buscar os vestígios e transformá-los em fontes reforça o que será lembrado, o que será memória. Eis a importância de ampliar os caminhos possíveis para acessar as imagens do passado, incessante tarefa do historiador de ofício ou do historiador da educação. Arquivos, impressos e, obviamente, a produção discente e, ainda, outros tantos resquícios possibilitam, ao pesquisador, adentrar, sob a perspectiva de novos olhares, nos espaços educacionais. Afirmar que se ampara nos estudos de Nunes (1996/2001), Neves (2005), Fonseca (2003), Lopes (2001), Carvalho (1991), Vidal (2003), entre outros.

Os estudos mais difíceis de se concretizarem são aqueles que se propõem a reconstituir a história da educação tramada sem a pretensão de permanência. Não que a história “oficial”, escrita com base em documentos oficiais, seja fácil de ser feita. Esses vestígios dizem muito, mas não evidenciam, por si só, os elementos que compõem a “malha” dos embates para a formulação de um saber a ser transmitido por uma disciplina escolar e, neste caso, em particular, universitária.

Produção discente: trabalhos monográficos em educação da UEM investiga os saberes veiculados pela disciplina História da Educação, por meio da análise da produção discente resultante dos cursos de especialização em Educação que enfatiza a área de História da Educação, oferecidos pelo Departamento de Fundamentos da Educação (DFE), da Universidade Estadual de Maringá (UEM). O objetivo de nosso trabalho é realizar um delineamento, uma representação, em traços gerais,

dos trabalhos monográficos, com o intuito de responder o que os cursos de especialização em educação estão produzindo, quais seus objetos e suas perspectivas interpretativas. Recorremos a Le Goff (1994, p. 11) para afirmar que a própria ciência histórica é colocada numa perspectiva histórica com o desenvolvimento da historiografia, ou história da história, da qual participamos, por ocasião da sistematização deste estudo, como consumidores e produtores.

André Chervel (1990, p. 208) teoriza acerca da análise da produção discente, argumentando que ela propicia elementos que permitem identificar e avaliar as práticas pedagógicas, bem como observar o nível de assimilação entre os discentes, avaliar a distância entre o que se “ensinou” e o que se “aprendeu”. E, por último, permitem também verificar se fez surgir, entre os discentes, uma autonomia ou uma vontade própria, contrariando a lógica das finalidades das disciplinas.

O interesse na produção discente justifica-se pela possibilidade de trazer à consciência uma parte dos frutos efetivos do trabalho desenvolvido nos cursos de especialização da UEM e, também, porque esses cursos foram responsáveis pela formação de professores que hoje atuam em Instituições de Ensino Superior no Paraná. Nossa análise prioriza somente a disciplina de História da Educação, mais outros integrantes do grupo de Estudos e Pesquisas sobre a HISTÓRIA DOS CAMPOS DISCIPLINARES: investigação em torno da pesquisa e do ensino em História da Educação e Psicologia da Educação (GEPECADIS), trabalham com as demais disciplinas, formando assim uma rede de informações e análises.

Michael de Certeau (2006, p. 65) pergunta: “O que *fabrica* o historiador quando “faz história”? Esse historiador responde, dizendo:

Eu me interrogo sobre a enigmática relação que mantenho com a sociedade presente e com a morte, através da mediação de atividades técnicas. Certamente não existem considerações, por mais gerais que sejam, nem leituras, tanto quanto se possa estendê-las, capazes de suprimir a *particularidade* do lugar de onde falo e do domínio em que realizo uma investigação. Esta marca é indelével.

A visão mais tradicional de interpretação da história, que se ampara na leitura de documentos oficiais como sendo os únicos capazes

de nos fornecer fundamentos teórico-metodológicos cabíveis, entende como “modismo” a opção pela pesquisa com “novas” fontes, dentre elas, a produção discente, com uma análise que propõe “novos” olhares e, assim, costuma rotulá-la. Pesavento (2005, p. 119), refletindo sobre os novos olhares e os novos objetos de pesquisa, afirma: “se a História é sempre resposta às questões do seu tempo, ela é, forçosamente, a narrativa da moda de cada época”.

É desafiador trabalhar com um objeto em que a produção historiográfica acerca da temática seja nascente. Localizamos poucas pesquisas¹ sobre este tema, porém, apesar do pequeno número de trabalhos com os quais podemos manter interlocução, o desenrolar da pesquisa é realizado de modo sério e ordenado. Queremos evitar, como nos alerta Lopes (2001), o risco da extrema especialização e da ausência de diálogo.

METODOLOGIA

Para realização dos objetivos propostos, nos valem de uma ficha catalográfica, que possibilitou organizar melhor o material pesquisado. Esta ficha é composta pelos seguintes itens: catálogo da biblioteca, curso, título, autor, orientador, ano de conclusão, tipo de pesquisa, fundamento teórico-metodológico, recorte temático, recorte temporal, recorte espacial, fontes utilizadas, nível e modalidade de ensino, recursos e instrumentos, palavras-chave e resumo. Tais fichas permitiram elencar dados gerais, porém os detalhes e pormenores referentes às monografias tiveram de ser verificados nas releituras das mesmas.

O trabalho com produção discente, no nosso caso em particular, realiza um delineamento dos trabalhos monográficos e demonstra a “multiplicidade de significados que encerra e as possibilidades de seu uso, isoladamente ou complementarmente a outras fontes” (NUNES, 2001, p. 21), sendo uma representação em traços gerais que, unido a outras fontes, pode ser complementar. Lopes sintetiza a idéia do enriquecimento histórico ligado à capacidade de fazer associações, para autenticar suas pesquisas, dizendo que “o que se coloca com mais freqüência é que a base da História é o estabelecimento de relações e de associações, sempre que possível” (2001, p. 44).

À medida que o trato com as fontes foi se desenvolvendo, verificamos aproximações e distanciamentos dos objetos específicos de cada monografia em relação aos objetivos e temas que permearam a construção da disciplina História da Educação, ministrada nos cursos de especialização em questão. A disciplina História e Filosofia da Educação priorizava, na seleção de seus conteúdos, uma organização programática que assinalava temas, tais como: “E os homens tornaram-se ‘iguais’ no mundo (do trabalho); Os direitos do homem aos direitos dos cidadãos; O movimento existe (a história existe) e se reduz ao método; O método da história; a história ‘termina’, a ciência se parcializa e o método se torna ‘positivo’; A solução para a cultura burguesa: a trajetória e o mito; A história e a estória de cada um; A filosofia retoma como complexidade lógica; Nem capitalismo, nem socialismo: o Produto dos homens domina os homens (PROCESSO 1161/85, p. 106). Esses dados foram retirados do trabalho de Rodrigues (2006, s/p). O Isso, segundo Chervel (1990) possibilita compreender como os conteúdos disciplinares estão sendo resignificados no momento de apropriação pelo aluno, quando de sua aplicação.

Sobre as explicações que os discentes apresentam acerca dos objetos de pesquisa focalizados em seus trabalhos, Barreira (1995, p. 7) alerta: “o produto do trabalho do historiador, ou seja, as explicações históricas que ele constrói para os fenômenos históricos que investiga, nem sempre espelha a concepção que esse historiador tem da história”, ou, ainda, aquela recebida em sua formação, por meio de conteúdos disciplinares. Alguns dos trabalhos discentes que analisamos são, basicamente, a reprodução direta do raciocínio de outrem.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A leitura de algumas monografias possibilitou perceber que os discentes elaboraram as perguntas com as respostas previamente determinadas. Não tinham um incômodo que interrogavam e sim um percurso a percorrer. Já tinham as respostas, precisavam, apenas, descrever a idéia de que seu objeto era consequência de uma determinada época. Lembramos, acerca dessa reflexão, as contribuições de Pesavento (2005), que afirma: “as hipóteses tornavam-se inócuas, porque de antemão as

explicações já estavam dadas e sabidas, inviabilizando, dessa forma a pertinência da pergunta”.

No período de 1983 a 2003 transcorreram 20 anos de ensino, nos quais foram oferecidos 7 cursos de especialização em Educação, possibilitando a defesa de 74 monografias que recortaram, tematicamente, a História da Educação como campo de estudo. Todas as monografias foram catalogadas, visto que temos em mãos 74 fichas que as sintetizam.

Segundo Rodrigues (2006), esse trabalho de formação de professores teve como área de concentração Fundamentos da Educação. Concomitante a ele, ofertou-se, por meio de um convênio celebrado entre a Universidade Estadual de Maringá e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Campo Mourão/PR, um outro curso. O mesmo conteúdo de História e Filosofia da Educação fazia parte da estrutura curricular listada, o que demonstrava a aceitação e a difusão desta forma de conceber a disciplina, não só na comunidade local, bem como na região. (RESOLUÇÃO nº 198/85). Somaram-se a estes mais cinco cursos, que mantiveram a mesma perspectiva teórico-metodológica para a estruturação da disciplina em questão.

A bibliografia listada para o trabalho com essa disciplina, embora não descreva o nome dos livros que serão efetivamente sugeridos para leitura, apresenta os seguintes autores: ADAM SMITH, COMTE, HABERMAS, HEGEL, MARX, NIETZSCHE, ROUSSEAU, SARTRE, WITTGENSTEIN, e grifa, em nota, que todos os textos foram publicados pela coleção Os Pensadores, da Abril-Cultural (PROCESSO 1161/85, p. 107).

No período estudado, a história da educação no Brasil é feita, em sua maioria, somente por recortes bibliográficos, pois, só a partir da década de 90 a pesquisa nesse campo se abre para novos objetos. Como diz Pesavento (2005, p. 37), “na segunda metade dos anos 90, o campo da História já se achava afetado por questionamentos tão profundos que se podia falar, verdadeiramente, de uma busca de novos paradigmas explicativos da realidade”.

As fichas catalográficas apontam que as pesquisas, em sua maioria, cerca de 67,6%, são do tipo bibliográfica, entretanto, encontram-se, também, em menor número, 16,2% e 12,2%, respectivamente, pesquisas do tipo documental e de campo, ou aparecem de forma

combinada; 4,05% dos trabalhos apresentam os três tipos de pesquisa: bibliográfica, de campo e documental.

Entendemos esses vários tipos de pesquisas da seguinte maneira: “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, construído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 1999, p. 65). “A pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da [nova] pesquisa” (GIL, 1999, p. 66). E a pesquisa de campo acontece quando o pesquisador “assume o papel de observador e explorador, coletando diretamente os dados no local em que se deram ou surgiram os fenômenos. O trabalho de campo se caracteriza pelo contato direto com o fenômeno de estudo” (BARROS; LEHFELD, 2000, p. 75). Diante dessas definições, ficam as perguntas, qual a possibilidade, em monografias de especialização, de haver pesquisa com os três tipos de análise? Seria possível, em termos de tempo e amadurecimento metodológico, a combinação de um ou mais tipos de pesquisa?

Das 74 fichas elencadas, 59, ou seja, 79,7% delas não apresentam uma exposição clara de seu referencial teórico, 12 delas insinuam, citam autores, mas não explicitam em quem embasam suas pesquisas, e apenas 3 monografias declaram buscar seus fundamentos no Materialismo Histórico. Quando lemos as referências, identificamos, por meio dos autores citados na bibliografia, que se tratam de estudos relacionados a esta ou àquela opção teórico-metodológica. O não oferecimento dessas informações, na estrutura dos textos monográficos, dificultou a identificação de questões afetas ao caráter teórico orientador da pesquisa.

Problematizamos, ainda, um alto índice de trabalhos com ausência de resumo e palavras-chave. Quase 80% das monografias não apresentam esses elementos, considerados relevantes na composição de trabalhos científicos. Tendo em vista que o leitor busca, no resumo, sanar suas expectativas, daí a importância deste componente nas monografias que, posteriormente, poderão ser tomadas como fonte. É oportuno ressaltar que, no período de 1983 a 2003, o qual configura-se como recorte temporal desta pesquisa, as exigências quanto ao cumprimento das normas da ABNT não eram evidenciadas com rigor.

Ressalta-se a importância dos resumos, tendo em vista a insuficiência do tempo, pois buscamos, nesse elemento, preencher as

questões levantadas em nossas fichas catalográficas, dada a impossibilidade da leitura integral de todas as monografias.

Registramos que, dentre os dados técnicos da pesquisa, 5 monografias não apresentaram o nome do orientador. Esta ausência, somada à falta de outros dados, acarretou à nossa pesquisa certa dificuldade e dispêndio de tempo durante o seu processo de desenvolvimento, porque consideramos inaceitável que os trabalhos, ditos científicos, que delega o grau de especialista ao seu autor, não nominem, em sua versão final, esse elemento tão proeminente.

Dentre os elementos que caracterizam uma opção teórico-metodológica para a organização da monografia, destacamos alguns pontos comuns: retrospectiva histórica, busca da origem dos acontecimentos, continuidade histórica e heróis da história são categorias que, repetidamente, aparecem nos discursos monográficos. Algumas destinam um capítulo específico para a apresentação do que designam de resgate histórico ou contextualização. A idéia de contextualização é, para os referidos autores, sinônimo de recuperação da organização do trabalho nos diversos modos de produção², entendidos como existentes na história. Essa divisão, por princípio, compartimenta o texto, contextualizando primeiro e, somente no final do capítulo, ou do próprio item, informando o leitor que seu objeto de estudo “nasceu” desse contexto, sendo que muito pouco se fala da questão problematizada.

A busca das origens é uma preocupação constante. Ao realizarem o que denominam de resgate histórico, os autores buscam, incessantemente, o momento inicial e original dos acontecimentos, pretendendo, implicitamente, encontrar aí o estado puro, a explicação para a ocorrência de determinados fatos. Para teóricos como Foucault (1972), Le Goff (1994) e Bloch (2001), o historiador deve rever a postura de sempre buscar explicação na origem dos fatos históricos, como se o princípio guardasse consigo a verdade.

Os estudos que privilegiam a categoria de continuidade da história tendem a não considerar as rupturas, os intervalos de tempos do fazer histórico, como se a continuidade pudesse conferir maior cientificidade e organicidade ao estudo. Nesta perspectiva, os pesquisadores, do campo da História da Educação, narram-na “[...] como uma evolução constante das trevas para as luzes, como um instrumento inexorável do passado

para o presente e, portanto, para o futuro” (NÓVOA, 1996, p. 11).

Ao escrever a história, focalizando apenas as continuidades, procura-se maquiar os “acidentes”, as “dispersões” e “rupturas” que surgem, no decorrer das pesquisas, no intuito de atribuir organicidade aos acontecimentos, já que a descontinuidade é considerada como o estigma da dispersão temporal e, conseqüentemente, deve ser abolida. Todavia, esta prática vem sendo inspecionada e não se revela como homogênea. Para Foucault (1972, p. 09), “[...] as sucessões lineares, que até então tinham sido o objeto da pesquisa, foram substituídas por um jogo de rompimentos em profundidades”.

No campo da História da Educação, Lopes (2001, p. 38), em sua análise, afirma que a tendência dos pesquisadores para escrever a história de modo contínuo também está presente entre os historiadores da educação que “acabam por dar a impressão de que o processo histórico, cronologicamente delimitado por marcos políticos ou econômicos, caminha, necessariamente, em direção ao progresso”.

Outro ponto relevante, que merece destaque, é a realização de uma biografia do autor em estudo. Esta perspectiva analítica visa a exaltar homens da história como heróis, para que possam servir de exemplo para a sociedade. Como salienta Nóvoa (1996, p. 11), “[...] um século depois, muitas histórias da educação continuam a ter como referência os cânones historiográficos inventados no século XIX”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que o estudo acerca da construção do campo disciplinar pode contribuir de forma significativa para a compreensão do sistema educativo, pretendendo diminuir as dificuldades que a escola enfrenta, ao transmitir os conhecimentos de maneira sistematizada, visto que nem tudo que é planejado, é ou pode ser executado. A ordem, a escolha e a importância do conteúdo dependerão dos pressupostos teóricos com os quais o professor mais se identifica. É importante registrar que os professores possuem interpretações próprias dos textos e seguem uma determinada linha teórico-metodológica, isto é, segundo Chervel (1990), um elemento constituinte da disciplina. Todos os trabalhos monográficos tomados como fonte são ressignificações de conteúdos disciplinares,

particularmente, falamos de História da Educação.

Percebe-se que o estudo acerca do campo disciplinar fornece elementos importantes para a prática pedagógica. No entanto, Chervel (1990) ressalta que o interesse dos docentes por este campo é muito recente. Estes, ao invés de realizarem pesquisas sobre uma determinada prática ou época histórica, têm procurado conhecer a história da sua própria disciplina. Essa idéia é também reforçada por Lopes (2001, p. 15) ao dizer que “muito do que ocorre no mundo da educação ainda é pouco conhecido pelos seus pesquisadores e mesmo pelos professores” que, durante décadas, privilegiaram o contexto no qual a escola se inseria, mas não problematizaram o universo de produção escolar.

Tradicionalmente, no fazer da História da Educação, os pesquisadores recorreram aos documentos oficiais escritos, porém eles foram, nas relações estabelecidas com o historiador de ofício, alargando e diversificando suas fontes e suas abordagens, passando, assim, a gizir de maneira diferente a pesquisa historiográfica. Para além da utilização de documentos oficiais, abriu-se, aos historiadores, um leque de opções, no qual, os documentos não-oficiais, como fotografias, pintura, dança, literatura, imprensa pedagógica, móveis, currículo, produção discente e docente, entre outros, tornaram-se importantes nos estudos sobre as instituições escolares. O interesse da História não mais se cristaliza, exclusivamente, sobre os grandes homens. Empenha-se, também, em interessar-se pela história de todos os homens (LE GOFF, 1994).

Para Chervel (1990), este novo olhar evidencia o caráter eminentemente criativo do sistema escolar, desmistificando a imagem da escola como apenas reprodutora de conhecimentos e encerrada na passividade. O lugar de produção, no qual se encontra cada professor e cada aluno, faz com que a reprodução de conhecimentos, dentro do universo escolar, não se torne regra. Mas vale salientar que esta reprodução pode até acontecer, mas não ocorrerá sem haver resistências e, nem sempre, da mesma maneira. No entendimento deste estudioso, a escola forma indivíduos, mas “em contrapartida também forma uma cultura que adentra, adapta e transforma a cultura da sociedade que a permeia” (CHERVEL, 1990, p. 184).

Cabe, neste sentido, aos historiadores das disciplinas escolares, que objetivam estudar a produção discente, identificar como ocorrem

as apropriações dos conteúdos ensinados no interior das instituições educativas, visto que eles são resignificados, pelos discentes, de forma diferenciada. Mais uma vez, reforçamos a importância de se estudar a produção discente, pois “os trabalhos dos próprios alunos são evidentemente a fonte primária” para o conhecimento do mundo educacional escolar (CHERVEL, 1990, p. 209).

Para finalizar, afirmamos, amparada em Le Goff (1994), que é a maneira como interrogo minhas fontes que vai determinar o resultado de minha pesquisa, pois os fatos não falam por si mesmos. A escrita da História é um diálogo que possibilita a construção constante do passado. A vida, neste raciocínio, é que interroga a morte.

REFERÊNCIAS

BARREIRA, L. C. **História e historiografia**: as escritas recentes da história da educação brasileira (1971-1988). 1995. 250 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

BLOCH, M. **Apologia da história, ou, o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

BARROS, A. J. da S.; LEHFELD, N. A. S. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo Makron Book, 2000. p. 70-78.

CARVALHO, M. M. C. de. **Saber teórico – saber escolar**: perspectivas de pesquisa no campo da história cultural. São Paulo: FEUSO, 1991. (Estudos e Documentos, v. 30).

CERTEAU, M. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 65-119.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, n. 2, p. 177-229, 1990.

FARIA FILHO, L. Modos de ler / formas de escrever; estudos de história da leitura e da escrita no Brasil. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 1., 2001, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Autentica, 2001.

FONSECA, T. N. de L. História da educação e história cultural. In: VEIGA, C. G.; FONSECA, T. N. L. (Org.). **História e historiografia da educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 49-75.

FOUCAULT, M. Introdução. In: **Arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes; Lisboa:

Centro do Livro Brasileiro, 1972. p. 09-27.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999, p. 64-72.

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1994.

LOPES, E. M. T. **História da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NEVES, F. M. História da educação no Brasil – considerações historiográficas sobre a sua constituição. In: ROSSI, E.; RODRIGUES, E.; NEVES, F. (Org.). **Fundamentos históricos da educação no Brasil**. Maringá: EDUEM, 2005.

NUNES, C. Ensino e historiografia da educação: problematização de uma hipótese. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 1, p. 67-79, 1996.

NÓVOA, A. História da educação: percursos de uma disciplina. **Análise Psicológica**, Lisboa, n. 4, p. 417-434, 1996.

PESAVENTO, S. J. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RODRIGUES, E. História da educação e ensino de História: desdobramentos de um campo disciplinar (1990-2003). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: A EDUCAÇÃO E SEUS SUJEITOS NA HISTÓRIA, 4., 2006, Goiânia. **Anais...** Goiânia: UCG, 2006.

VIDAL, D. G.; FARIA FILHO, L. M. de. História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). **Revista Brasileira de História**, v. 23, n. 45, p. 37-70, jul. 2003.

NOTAS

¹A título de exemplo, citamos: WARDE, M.J. A produção discente dos programas de pós-graduação em educação no Brasil (1982-1991): Avaliação e perspectiva. In: AVALIAÇÃO e Perspectivas na área de educação (1982-1991), Anped, CNPq, 1993.

²Trabalho e modos de produção são categorias utilizadas pela vertente marxista de análise.

Recebido em / Received on / Recibido en 02/07/2007

Aceito em / Accepted on / Acepto en 02/12/2007